

BENJAMIM, ARIELA E CASTANA: VIDA, TEMPO E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO *BENJAMIM* DE CHICO BUARQUE

Érica Tavares de Araújo*

RESUMO:

Pretendemos analisar neste trabalho as relações sociais, afetivas e psicológicas estabelecidas entre Benjamim, Ariela e Castana, personagens do romance Benjamim, publicado em 1995, pelo escritor Chico Buarque de Hollanda. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, utilizando como suporte teórico, dentre outros, as orientações de Freud (2006), Foucault (1996), Candido (2000) e Bauman (1998), tentaremos encontrar subsídios para alicerçar uma discussão sobre o diálogo entre gerações nas narrativas modernas através dos personagens mencionados e dos vieses sociológicos e culturais que perpassam a feitura dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: *Relações sócio-afetivas; Narrativa; Diálogo*

Introdução

É possível que os momentos que acabamos de viver subitamente se apaguem na nossa consciência, e se transformem em medo, desejo, ansiedade, premonição. (Chico Buarque)

Segundo Xavier Albó, cultura significa “o conjunto de características adquiridas pela aprendizagem e compartilhamento por um determinado grupo social” (ALBÓ, 2005, p. 16). Sendo assim, podemos caracterizar a literatura como um aspecto de cultura conquistado pela sociedade. Nela encontramos uma grande diversidade de representações da realidade coletiva e individual da sociedade.

O estudo de uma sociedade pode ser feito através da literatura, onde a “realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária” (CANDIDO, 2000). Através do estudo de uma obra literária, podemos apreender os fatos sociais de determinada sociedade, e é por isso que a obra literária se faz entender, ela une texto e contexto e inova ao desnudar e explicar a sociedade de forma tal, que ela mesma possa compreender-se. A literatura não faz mera ilustração ou caracterização de personagens, meios ou fatos sociais, ela utiliza a análise sociológica como um “indicador ou documento do que se passa na sociedade” (LIMA, 2002, p. 663). Os

fatos sociais são absorvidos pelas obras e por isso, não se pode julgar a falsidade ou veracidade de um discurso ficcional apenas porque este não apresenta referências fidedignas à realidade. (cf.: LIMA, 2002, 666). A literatura, muitas vezes, se apropria de fatos históricos, sociais e pessoais e cria a sua própria versão para os fatos; a imaginação criadora do autor e a liberdade dada pela ficção literária fazem com que o mesmo use da melhor maneira possível as suas fantasias.

Temos, nesse sentido, obras literárias que nos propiciam informações de determinados momentos históricos de nossa sociedade, e essas mesmas informações sócio-culturais é que podem contribuir para a imagem que a obra literária faz da sociedade. "A memória histórica é, para nós, composta de fatos convencionados como históricos que têm repercussões nas memórias pessoais e de grupos porque têm significado para eles" (ALBUQUERQUE JUNIOR. 2007. P. 205). A função social ou histórica de uma obra depende de sua estrutura social e repousa sobre a organização formal condicionada pela sociedade, levando em conta um nível de realidade e de elaboração da realidade. O estudo da função histórico-literária de uma obra só adquire significado quando referido a sua estrutura, superando o vazio entre a investigação histórica e a investigação estética. Para isso Lima (2002, p. 676), propõe:

A obra literária é o produto da combinação de dois elementos: a) da expressão constante da matéria do real, i.e., a obra é plasmada a partir dos elementos que lhe são oferecidos pela ordem do real; b) o elemento anterior é continuamente retrabalhado de acordo com as condições sociais dentro das quais vive o autor. Pela interação dos elementos, a obra é sempre mimética e "realista".

Na obra narrativa o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado em uma fase temporal. A temporalidade é dada na estrutura narrativa articulando passado e presente, reinventando o passado e o reconstruindo através de dados do presente, projetados nesse novo tempo que também será passado. Os dados e/ou fatos ocorridos na sociedade através do tempo contribuem para o imaginário de obras literárias, sendo ainda mais relevantes em se tratando das narrativas históricas ou de memórias, criando, dessa forma, o diálogo entre as gerações passadas e as contemporâneas, além dos laços necessários para o contato e a troca de informações entre uma e outra.

O diálogo entre gerações se estabelece a partir do momento que entendemos "geração" como um grupo que possui experiências e idéias compartilhadas e ao repassarem suas experiências para outros grupos, fica estabelecida uma forma de diálogo, uma troca de experiências que favorece a manutenção do patrimônio cultural e de um conjunto de tradições ou conhecimentos adquiridos através dos tempos.

Nas narrativas contemporâneas podemos observar a presença do diálogo entre gerações, assim como na nossa realidade, onde personagens adquirem uma ligação com o passado da sociedade ou com seus familiares, propiciando um aprendizado ou troca de experiências das mais variadas possíveis, além da reflexão do aprendizado para o futuro destas. Essas relações de apreensão de novas culturas, novos saberes, também conhecida como interculturalidade, se configuram positivas quando há aceitação dos pontos de vista de ambas as partes, essa relação é chamada também de alteridade ou outridade, quando as diferenças são aceitas e todos adquirem transformações de si e do seu meio, respeitando sempre seus próprios limites.

Pensando a narrativa como uma obra aberta, que se completa com a nossa leitura e também como repositória de bens culturais através das imagens e diálogos postos em discussão, propomos neste artigo, analisar o diálogo entre gerações na obra *Benjamim*, de Chico Buarque. Esta análise será realizada através da análise das relações sociais, afetivas e psicológicas que envolvem os personagens desta ficção buarquiana, onde a narrativa se constrói em dois tempos, a Ditadura, entre 1964 e 1985, e a contemporaneidade, o Pós- Modernismo, onde os personagens percorrem esses espaços de maneira circular e psicologicamente unidos. A partir da análise dos personagens "protagonistas" Benjamim, Castana e Ariela, pretendemos identificar as relações de interculturalidade, que perpassam a obra através de imagens da Ditadura, inseridas na narrativa. Essas informações culturais são passadas não como verdades reais e universais, mas como uma das visões da época, descrita através do tempo psicológico. Segundo Lima (2002, p. 684):

(...) à renúncia à história corresponde a renúncia ao pólo receptor e a consequente concentração do analista seja nos recursos construtivos do texto (...), seja, por oposição, apenas na resposta do leitor ou no condicionamento social da obra (as habituais indagações sociológicas)

O trabalho na área de estudos culturais depende dos debates teóricos sobre sentido, identidade e representação, tentando compreender o funcionamento da cultura no mundo moderno, como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas. Os estudos literários ganham ainda mais, quando a literatura é estudada como uma prática cultural específica e as obras são relacionadas a outros discursos. Observamos assim, que todas essas visões deslocam o interesse para os elementos sociais, a sociologia torna-se então, indispensável para a interpretação do texto literário, pois ela oferece validade e efeitos sobre nós.

1- *Benjamim* em dois tempos

Benjamim é um romance narrado em dois tempos, envolve uma narrativa histórica a partir do enunciado de fatos marcantes da história de nossa sociedade. Temos um enredo situado entre a contemporaneidade e a ditadura. É uma narrativa cinematográfica, pois é narrada em flash back, tendo como parágrafo inicial o desfecho da obra, esta é uma característica marcante não só em *Benjamim*, como em outras narrativas do autor Chico Buarque, assim como as tramas que vão se desenvolvendo aos poucos, de forma circular, em espiral.

Na primeira página do livro, temos o desfecho da narrativa, o que nos lembra o início trágico de "A metamorfose", escrita por Franz Kafka em 1912. Em *Benjamim*, o personagem protagonista que intitula a obra, narrada em 3º pessoa, é fuzilado:

O pelotão estava em forma, a voz de comando foi enérgica e a fuzilaria produziu um único estrondo. Mas para Benjamim Zambraia soou como um rufo, e ele seria capaz de dizer em que ordem haviam disparado as doze armas ali defronte. Cego, identificaria cada fuzil e diria de que cano partira cada um dos projéteis que agora o atingiam no peito, no pescoço e na cara. (BUARQUE, 1995, p. 9)

No momento do fuzilamento, Benjamim tem a oportunidade de revisitar os melhores e piores momentos da sua vida, expressando várias vezes a angústia de conhecer o verdadeiro homem que foi, e de compreender a trajetória e o sentido de sua vida. Tem em suas lembranças, a impressão de estar sendo sempre filmado, tendo assim que representar algo que não era verdadeiramente, vivendo de aparências e do que sua melhor imagem podia lhe oferecer.

Ele é um homem de meia idade, ex-modelo fotográfico, que sobrevive com o dinheiro de sua poupança e com alguns pequenos trabalhos que ainda consegue. Vive em seu passado, rememorando os amigos que teve, a carreira brilhante e promissora e a namorada, Castana Beatriz, também modelo, que morreu por sua culpa, em meio a Ditadura. Décadas depois se apaixona pela corretora de imóveis Ariela Masé, que ele, depois de muitas teorias e cálculos, descobre ser a filha de Castana Beatriz, e talvez por isso lute tanto para acolher a mesma, passando de um amor sensual a um amor paternal.

2- Memória: espaço de (re) construção do sujeito

A filosofia há muito tempo tem estudado os conceitos de identidade dos sujeitos, porém se limitando a perceber as suas questões existenciais; na

contemporaneidade esse tema tem sido amplamente discutido, sendo desta vez, analisado do ponto de vista do indivíduo, a fim de compreender as identidades perdidas e o sentido da vida desses sujeitos.

Segundo Lima (2002, p. 136): "A identidade pessoal depende da consciência, assim como é esta que cria no eu a representação de si mesmo". Esta reflexão pode ser observada na construção narrativa dos personagens Benjamim e Ariela. Através de fatos do cotidiano os personagens fazem uma memorização do passado, a partir do que aconteceu antes é que os personagens vão tomando consciência de si, de sua condição de sujeito fragmentado e incompleto, sempre em busca de algo, além de tomarem forma no nosso imaginário. Benjamim, quando começa a pensar no passado, rememora seus tempos de adolescente:

Adolescente, Benjamim adquiriu uma câmera invisível por entender que os colegas mais astutos já possuíam as suas. (...), a partir daí sua vida tomou outro rumo. Benjamim passou a usar topete (...). Fez-se filmar durante toda a juventude, e só com o advento do primeiro cabelo branco decidiu abolir a ridícula coisa. (BUARQUE, 1995, p. 11)

A personagem Ariela também relembra seu passado diversas vezes, nos dando direcionamento para a construção de uma imagem sobre ela:

Naquele dia, ao voltar pra casa, Ariela começou a se estapear no rosto como fazia quando era criança, depois fechou as mãos e esmurrou-se meio sem jeito no couro cabeludo, para não deixar marcas, finalmente atirou-se de cabeça contra a parede, ficou tonta e vomitou líquidos. (BUARQUE, 1995, p. 18)

Ao ver Ariela pela primeira vez, no bar que costuma frequentar, Benjamim estabelece uma relação de familiaridade da moça com alguém de seu passado, e só conseguirá lembrar-se do nome Castana Beatriz, quando vir Ariela novamente. Ela por sua vez, não fará relação nenhuma, pois não conhece Benjamim, nem ninguém que se pareça com ele:

Ao sair da galeria, olha para um lado e para o outro, e não vê o charlatão. Vê apenas um velho que ela já percebera no restaurante, e que parece assustar-se por encontrá-la ali, porque dá meia-volta e sai andando rápido no meio do povo, mais rápido do que ela julgava que um velho pudesse andar. (BUARQUE, 1995, p.21).

O sair apressado de Benjamim após o encontro com Ariela, é motivado pela necessidade do personagem de procurar, o rosto que é familiar ao rosto de Ariela, em seus recortes de revistas e fotos, guardados em pastas coloridas e datadas. Neste contexto, a memória do personagem falha e ele têm que recorrer à pasta de cor lilás, que terá marcada o ano de 1963. A busca pela ligação entre Ariela e Castana tem início, e aqui também observamos o contato do personagem consigo mesmo, ou melhor, com alguém que ele foi no passado, pois além da foto de Castana, também passa a observar suas próprias fotos dessa época e admirar-se como quem admira a outra pessoa. O tempo é o veículo de transformação dos personagens, que, por mais que tentem não se modificar, percebem que já não são as mesmas pessoas de sempre. Através do tempo os personagens vão construindo a sua identidade e também a reconstruindo de acordo com as turbulências enfrentadas.

Benjamim se entristece por não ter amigos, por ser um fracassado que se arrasta ao longo dos dias, vivendo das lembranças e fantasmas do passado e Ariela se arrepende por ter tomado certas decisões, como as de casar com Jeovan ou a de abandonar o time de basquete.

3- As imagens falam

As narrativas de Chico Buarque têm em comum o espaço onde o enredo é localizado, geralmente no Rio de Janeiro. As imagens da cidade são apresentadas de tal forma que o leitor se sente familiarizado, íntimo e conhecedor do ambiente. O Rio de Janeiro como cenário de ponto de partida da narrativa, é analisado aqui como espaço de diálogo entre imagens do presente e do passado. Os mesmos locais freqüentados por Benjamim durante toda a sua vida são agora visitados por Ariela, moça jovem que parece colocar brilho nas imagens velhas e esquecidas por Benjamim. Ele segue Ariela como costumava seguir Castana e, surpreendentemente, Ariela entra no mesmo sobrado verde musgo em que Benjamim viu Castana pela última vez:

Benjamim avança quatro quadras, olha à esquerda e não avista Ariela. Gira no centro da encruzilhada, e a placa "Rua 88" só contribui para desorientá-lo. No entanto ele poderia apostar que é esta a mesma rua, quase deserta há vinte e cinco anos, onde viu Castana Beatriz correndo com as sandálias na mão e os pés meio embicados para dentro. (...). Assim como o objeto da memória apaga aos poucos seus contornos, a rua 88 reduz-se ao que dela recordava Benjamim: o sobrado verde-musgo onde Castana Beatriz sumiu para sempre. (BUARQUE, 1995, p. 50)

Benjamim mora em um apartamento que tem as suas três janelas voltadas para a imensa pedra do elefante, comprou o imóvel não por falta de dinheiro para algo melhor, mas porque tinha certeza de que por mais que vivesse, nunca encontraria uma transformação na pedra. O enredo nos fornece agora informações reais misturadas a informações fictícias, acerca da Pedra do elefante: “No ano de 1935, o andarilho português Damião Boledo avistou a grande pedra cinzenta e julgou tratar-se de um elefante adormecido, à imagem dos que outrora vira em Sumatra” (BUARQUE, 1995, p.55). A pedra do elefante está realmente localizada no Rio de Janeiro, porém a história de sua descoberta não pode ser confirmada através do que é contado na obra. Segundo Foucault: “O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOCAULT, 1996, p. 28).

Benjamim está sempre avesso às transformações, e que só percebe que não são mais os seus tempos de glória e fama, quando se olha no espelho ou em suas fotos antigas, e vê que não tem mais o mesmo porte físico e a mesma pele de antes, deve pensar também que não tem a mesma alegria, a mesma vida que possuía nos tempos de Castana Beatriz.

Castana foi o grande amor de Benjamim, mas ele não era tolerado pelo pai da moça, que ao vê-la de maiô de duas peças em um anúncio de revista, resolve mandá-la estudar na Europa. Ao voltar de viagem, com o Brasil ainda em regime de Ditadura, ela se mostra apaixonada por seu professor, militante procurado pelas autoridades, que está no Brasil em situação ilegal. Benjamim passa a procurá-la e seguiu-la algumas vezes, em uma delas, sem imaginar que está sendo seguido, leva os militares até o esconderijo de Castana e do professor. Não consegue falar com Castana e é abordado na volta ao táxi por um sujeito, que o mandou embora do local, já dentro do taxi fechou a janela para não escutar os tiros:

Bateu em retirada, chegando à duna viu assomarem do outro lado duas cabeças, a do barretinho e a de um indivíduo com a barba cortada rente, que no primeiro instante tomou por um mecânico. A seguir atentou para sua camisa pólo, sua barriga inchada, seu cinturão de couro, sua calça de brim e a metralhadora que trazia pendurada na mão direita. No topo da duna, o indivíduo requisitou os documentos de Benjamim, sem lhe apontar a metralhadora. (...). Virou-se para o Barretinho a quem chamou de Zilé, e ordenou-lhe que deixasse Benjamim em casa. Pelo canto do olho, benjamim relançou os homens que convergiam de postos esparsos para o sobrado verde-musgo. Antecipou-se ao Zilé em direção ao táxi, sentou-se no banco traseiro e fechou a janela, com medo de ouvir o início do tiroteio. (BUARQUE, 1995, p. 145).

Identificamos neste trecho da obra a imagem de um cenário opressor, a Ditadura arrancando vidas por estas se identificarem com ideais diferentes dos que estavam em curso na época. Mais uma vez a arte imita a vida e dialoga com esta geração que não passou por esses momentos de opressão. A respeito da passagem conhecimento, mesmo que este tenha sido revelado por outras disciplinas, ressalta Foucault:

Não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza. (FOUCAULT, 1996, p. 22).

Benjamim é um romance que narra situações cotidianas em lugares comuns, que tem em um plano de fundo histórico e memorialista, usa as imagens da sociedade em duas épocas diferentes, contextualizando e mostrando o diálogo entre essas duas épocas da sociedade brasileira.

4- Sensual x Paternal

A primeira impressão que Ariela tem de Benjamim, é de que ele era um velho que não lhe causava sentimento, nem recordação alguma. Depois, ela passa a vê-lo como um grande artista do teatro, começa a admirá-lo e após alguns encontros rápidos ela o define como um velho conservado ou um jovem recém-envelhecido:

Entende que gente de mais idade não se adapte a uma casa de vidro, ou a um flat metálico com painéis vermelho. Entre as paredes toscas, cortinas de brocado, móveis marchetados, livros de couro curtido, de certa forma um velho se camufla. Se bem que Benjamim Zambraia seja um senhor bastante conservado. Melhor: um rapaz recém-envelhecido, e talvez ele nem more ali (BUARQUE, 1995, p. 63).

Ariela Pensa em Jeovam para poder entender Benjamim, apesar das diferenças existentes entre os dois, e coloca o seu batom grená como se estivesse vestindo outra roupa, para um segundo tipo de trabalho. Benjamim passa a ser um homem de um mundo diferente ao dela e ao saber que ele é apenas um ex- modelo fotográfico sente desapontamento e resignação, mas depois se sente confortável, pois agora ele está em um nível que ela pode alcançar. Até começa a sentir-se cansada, como se estivesse perdendo a sua jovialidade e se arrepende por não ter se enamorado de

Benjamim e por tê-lo deixado esperando, chega a sentir saudades e pensa que ele já a esqueceu.

Inicialmente Benjamim sente por Ariela curiosidade, vê uma moça jovem e bonita e tenta estabelecer a relação dela com alguém que ele conhece. Por compará-la sempre à imagem da mãe, nutriu de certa forma, um desejo por Ariela, passando a vê-la como mulher:

Não é mais Castana Beatriz, é Ariela, como Benjamim a viu pela primeira vez, mas hoje cara a cara, a sua íntima boca escancarada, uma mulher estupenda, lembrando vagamente a mãe, mas um pouco vulgar, e por tanto uma mulher por quem qualquer um gostaria de padecer (BUARQUE, 1995, p. 60).

O cômodo na casa de Benjamim, que antes era o “quarto da criança”, pensado para abrigar Castana Beatriz e sua filha renegadas pelo avô, hoje ganha o nome de “O quarto de Ariela” e nos dá indícios de que Benjamim vê Ariela como mulher, apenas enquanto não consegue fazê-la pensar na possibilidade de ir habitar o quarto, e pensa nela como filha, com carinho de pai, de protetor e de quem está esperando por muito tempo algum parente, quando ele está em casa, decorando o cômodo que, de certa forma, era dela antes dela nascer:

Benjamim disse que, se soubesse quem era ela, teria concebido um quarto tão justamente ao seu feitio, que ela mal poderia deslocar-se ali dentro. Reservara aquele espaço, porém, antes mesmo que ela existisse, para que ela o fosse preenchendo com sua respiração (BUARQUE, 1995, p. 119).

Benjamim e Ariela apenas se conhecem, trocam telefones e se encontram algumas vezes formalmente, ele nutre um carinho e um sentimento de reparação por ela, por se culpar pela morte de sua mãe. Ariela faz a opção de ir morar com Benjamim, mas não gosta do aspecto do apartamento e do estado de Benjamim, que espera por ela durante sete dias, ela foge pelas escadas sabendo que ele a perseguirá, leva-o para o sobrado verde musgo e nesse momento Benjamim já sabia que a morte lhe esperava.

CONCLUSÃO

Benjamim oferece um enredo capaz de fazer-nos refletir sobre a condição social, afetiva e psicológica da sociedade nestes tempos de contemporaneidade. Os personagens têm seus diálogos marcados pelas condições em que se encontra em determinados grupos, partilhando a sua história, partilham também um pouco da história da sociedade, da época em que viveu. Conhecendo os personagens passamos a entender um pouco as possibilidades de relacionamento que podem surgir entre as pessoas, o que o vínculo afetivo é capaz de fazer com elas, o que o amor pode oferecer ou não na vida delas.

Esta narrativa apresenta diversos tipos de sujeitos, cada um com suas particularidades, porém que culminam em um só perfil: o sujeito Pós-Moderno, que vive no mundo à procura de algo que o identifique melhor, que vive em busca de alguma coisa, pois sua identidade é fragmentada e cada pedaço de si reclama alguma coisa. A memória aparece como o local que possibilita o treinarmos a nossa capacidade de aprendizagem, além de nos mostrar o nosso passado e construir pontes entre o que fomos e o que somos. A memória nos possibilita o diálogo com nossos antepassados ou com algo que deixamos de ser, que pode ser resgatado a qualquer momento.

O diálogo apresentado em *Benjamim* é percebido através da memória, das imagens do passado, das descrições dos lugares, dos movimentos políticos e sociais e através das relações sócio-afetivas e psicológicas que atravessam a vida dos personagens. O amor entre dois estranhos pode passar a ser como o amor de pais e filhos, dependendo do diálogo e da história de vida que envolve e marca cada um dos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A arte de inventar o passado**. São Paulo: Edusc, 2007.

BAUMAM, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

BUARQUE, Chico. **Benjamim**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem Do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: 2006.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

LIMA, Luiz Costa. **Análise Sociológica da Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

XAVIER ALBÓ, SJ. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.